

AS VARIANTES DA LÍNGUA INGLESA EM SALA DE AULA: UMA ABORDAGEM DIDÁTICO-PEDAGÓGICA

Cristiane Vieira Falcão, Ewerton Felix da Silva
PIBID/Universidade Estadual da Paraíba

Resumo

A língua inglesa é um dos idiomas mais falados no mundo atual. Usada por cerca de 545 milhões de falantes ao redor do mundo, o inglês faz parte do contexto histórico, cultural e regional de diversos países, possibilitando assim uma grande variedade linguística. Dentre as diversas variantes deste idioma, as mais difundidas e trabalhadas, devido à globalização, são o *American English* e o *British English*. Com base nisso, mostramos aos alunos, como um signo pode ser representado de diferentes formas, de uma variante para a outra. A partir da atividade trabalhada em sala, explicitamos a importância de se (re)conhecer essas variantes, tão presentes na difusão do inglês e que, mesmo tendo seu espaço garantido na aprendizagem dos falantes não-nativos da língua, não se deve desprezar outras possíveis variantes, já que é fundamental desenvolver competências interculturais fundamentais que os ajudem a participar da comunidade global.

Palavras-chave: Accents; Variantes linguísticas; Ensino.

Introdução

Atualmente o inglês é tido com uma das línguas mais faladas no mundo, com cerca de 545 milhões de falantes. Por possuírem influências culturais e, ao longo do tempo, sofrerem mudanças morfológicas, sintáticas e conseqüentemente semânticas, a língua passa por um processo de *variação linguística*. Esse fenômeno se dá pela variação de uma língua de acordo com o contexto histórico, as condições sociais, culturais e regionais em que é utilizada.

Como afirmam Harold e Rocha (apud LIMA, 2009): “estudar as variações linguísticas quer dizer estudar as raízes, a morfologia, a semântica das palavras, a forma como elas são nomeadas e conduzidas socialmente”. Em outras palavras, o estudo das variações linguísticas está relacionado ao processo histórico da língua ou a sua amostragem diacrônica. Assim, tendo como base a ideia de que uma língua possui modos diferentes de ser ‘falada’, utilizamos as vertentes do inglês, língua esta que é requisito do currículo das escolas públicas e privadas do Brasil e do mundo, focalizando duas das variações linguísticas que atualmente são as mais utilizadas em sala de aula: o *American English* e o *British English*, bem como a relação entre elas e como se pode apresentar uma abordagem usando essas duas variantes, essencialmente fonético-fonológicas.

As maiores diferenças entre o inglês britânico e americano estão na pronúncia e no vocabulário. Diferenças que se configuram como fonético-fonológicas, que vão desde uma enunciação mais aberta da vogal ‘a’, até uma mais forte (ou não) do ‘r’, são alguns dos diferenciais entre essas vertentes.

Uma das principais justificativas em se aprender uma dessas vertentes, é a globalização, onde temos/vemos a cultura dos países de origem dessas vertentes, sendo adquirida/imposta mundo afora, como influenciadores da cultura, da moda, do estilo de vida e consumo, do estilo musical, da modernidade etc. Além das inúmeras empresas, filmes, séries e a literatura, originários desses dois países tão “fortes” na economia, na influência sobre os demais. E como são os falantes mais jovens que participam diretamente desse contexto de influências, a importância de se estudar uma ou ambas as variantes é fundamental. Na escola, sobretudo, o papel da fonética e fonologia é de auxiliar o bom funcionamento e desempenho da língua, levando o aluno a compreender os processos de sua composição estrutural.

Vale considerar ainda que apesar das duas variantes citadas acima serem tidas como as de ‘maior prestígio’, não se deve desprezar outros registros que venham a ser trabalhadas/estudadas, como o inglês do Canadá, o inglês sul-africano, o inglês neozelandês, o inglês irlandês, o australiano e, dentre outros.

As variantes da língua inglesa na prática

Na semana de estratégias do projeto PIBID dedicada à fonética, fonologia e pronúncia, aplicamos uma atividade nas turmas do ensino médio que consistia de uma folha impressa contendo várias imagens, ícones representando um signo, e abaixo da figura, tínhamos o significado daquele signo em inglês britânico e abaixo deste, o significado em inglês americano. Questionamos a turma sobre o significado do signo em língua portuguesa, e em seguida pronunciamos a palavra nas duas variantes. Podemos perceber certa ‘confusão’ por parte dos alunos, já que muitos pensam na língua inglesa, como algo universal, e a partir do momento em que eles são ‘notificados’ de que há, possivelmente, mais de uma forma de se referir a uma mesma coisa/objeto com o mesmo valor de verdade, acontece o estranhamento por parte dos alunos, o que, de certo modo, é significativo pois eleva a curiosidade dos mesmos em relação a essas diferenças e qual é a importância delas para o contexto sociocultural e educacional da língua inglesa.

Percebemos que alguns alunos conheciam mais a variante norte-americana, o *American English* do idioma, do que a britânica (*British English*), fato que aponta a influência do país, mesmo que os aprendizes estejam distantes dos grandes centros urbanos. É a influência de países tidos como ‘de primeiro mundo’ em nosso cotidiano.

Após pronunciarmos as palavras nas duas variantes, aplicamos um exercício de fixação, com dois quesitos: o primeiro para classificar os termos em Am (*American English*) ou Br (*British English*); o segundo quesito consistiu em como pronunciar palavras (traduzir) da língua portuguesa, em uma das duas variantes.

O resultado da atividade mostrou o quanto essas diferenças podem constituir aulas produtivas e desafiadoras para os alunos, que ainda possibilitam a discussão em torno de algumas peculiaridades da língua, e como sua tradução pode fazer com que elas também sejam diferentes em relações contextuais ou características palpáveis, tais como: *soccer, football e American football; gasoline, petrol e petroleum; fries, chips, french fries e crisps*; bem como o curioso caso de *jelly, jellybean e jellyfish*, por exemplo (FREITAS, 2006).

Ao final, pudemos perceber uma maior conscientização por parte dos alunos, sobre o vasto mundo de diferenças entre a linguagem utilizada nos países de língua inglesa como língua materna, seja no sotaque, nos costumes, ou ainda na significação das palavras.

Considerações

Não deixa de ser um desafio para o professor escolher a vertente linguística a ser aplicada em sala de aula. Como afirma Ramos (2009, p. 54) o inglês apresenta diferentes variantes, e é no interior dessas variantes que as características particulares de uma língua se encontram.

Na rede pública de ensino fundamental e médio, a variante em foco está para o inglês americano, enquanto que nas universidades o enfoque parte para a variante britânica. Daí nos vem as dúvidas: qual variante o aluno deve e/ou precisa aprender? É importante para a aprendizagem optar pelas variantes de países já consolidados como potências mundiais? Em que a escolha por uma variante será importante para a interação do aluno no cotidiano da língua inglesa? Como o professor pode orientar o aluno no sentido dessa escolha?

Emitir juízo crítico sobre as manifestações culturais é uma das competências que está no plano dos Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio (PCNEM, 2006), juízo crítico este que participa da discussão em sala de aula sobre as variantes e o contexto de sua utilização. O cidadão do mundo, desenvolvido a partir da aprendizagem e escolarização, é aquele que participa das manifestações culturais e é capaz de perceber a importância de se compreender o papel social que a atividade linguística busca promover.

A visão crítica desta competência revela que ao pensarmos de uma maneira ampla sobre essas manifestações culturais podemos chegar à conclusão de que é errônea a ideia de imposição de uma língua ou variante linguística em detrimento de outra. Como já foi dito, a língua com o tempo sofre influências de acordo com a própria cultura de cada país. Ou seja, não existe um padrão fonológico único a ser seguido, o que existe é um conjunto de variantes que, apesar de caracterizados de determinados contextos, ainda funcionam justas, de modo coeso e coerente, no interior da língua (FERNANDES, 2009, p.58), causando assim as diferentes manifestações linguísticas que possibilitarão o contato entre tais contextos.

É, então, fundamental que o professor compreenda essa relevância e repasse para o aluno a ideia de que não existe a variante ‘certa’ ou ‘errada’, e que não se deve aprender apenas esta ou aquela variação por ser mais popular, ou menos transmitida pelas mídias sociais. O aluno precisa ter contato com o maior número possível de variantes, conhecer suas diferenças e semelhanças e contextos de uso, para construir sua consciência a respeito da língua que estuda.

Referências

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio: Linguagens, Códigos e suas Tecnologias**. Brasília: MEC/SEF, 2006.

FERNANDES, Carla D. O ensino de língua inglesa e a questão cultural. In: LIMA, Diógenes Cândido (Org.). **Ensino e aprendizagem de língua inglesa** – conversa com especialistas. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FREITAS, Myrian Azevedo de; NEIVA, Aurora M. S.. Estruturação silábica e processos fonológicos no inglês e no português: empréstimos e aquisição. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*. V. 4, n. 7, agosto de 2006.

LIMA, Diógenes Cândido (Org.). **Ensino e aprendizagem de língua inglesa** – conversa com especialistas. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

RAMOS, Elizabeth. Transferência fonológica no ensino de língua inglesa. In: _____. **Ensino e aprendizagem de língua inglesa** – conversas com especialistas. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.